

GREEN GAY

OTTECA

1

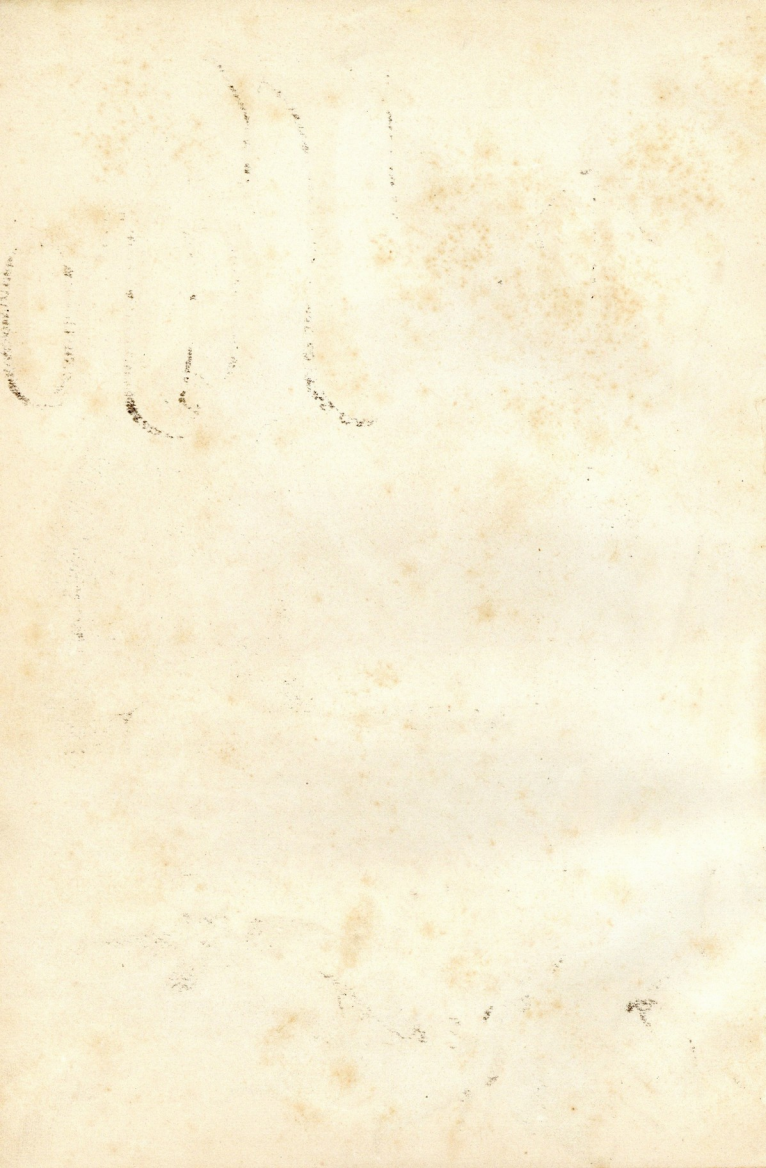
M. R. B. P.



No. 10



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Este folheto deu-me a ^{grma} Sr^a D. Elisa a 8 de Abril de 1905

Olympia Carter



NO TEJO

205 A.

HRBP/RES/41

PUBLICAÇÃO DE CARIDADE

NO TEJO

Grinalda litteraria



Bapa

Misera sorte! Estranha condição!

CAMÕES.

Donnez, riches! L'aumône est seur de la prière.

V. HUGO.



LISBOA

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA

Rua do Instituto Industrial, 23 a 31

1887

REG. 101

Reg. n.º 6403
HRBP/RES/41



À França
e ás familias dos naufragos do vapor francez
«Ville de Victoria»

D.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO; D. GUIOMAR TORREZÃO; ALBERTO PIMENTEL, da Academia Real das Sciencias, redactor do *Illustrado*; ALFREDO DE MORAES PINTO, redactor dos *Pontos nos ii*; ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR, official de infantaria e redactor da *Revolução de Setembro*; ANTONIO CASTANHEIRA, official de infantaria e redactor do *Commercio de Portugal*; ANTONIO ENNES, Bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa, e redactor do *Correio da Noite*; A. PORFIRIO DE CARVALHO PEREIRA, redactor da *Nação*; ASSIS DE CARVALHO, official de artilheria; A. AGUSTO RIBEIRO, secretario do ministro da marinha e ultramar, e redactor do *Commercio de Portugal*; BARROS GOMES, ministro dos negocios estrangeiros, e membro da Academia Real das Sciencias; BRITO ARANHA, da Academia Real das Sciencias, e redactor do *Diario de Noticias*; BULHÃO PATO, da Academia Real das Sciencias; CASIMIRO DANTAS, official de infantaria, e redactor do *Illustrado*; CHRISTOVAM AYRES, da Academia Real das Sciencias, e redactor do *Jornal do Commercio*; CONSIGLIERI PEDROSO, professor do Curso superior de Letras; COSTA GOULDOPHIM, escriptor publico; E. A. VIDAL, da Academia Real das Sciencias; EDUARDO COELHO, redactor principal do *Diario de Noticias*; FERNANDES COSTA, official de artilheria, e redactor do *Correio da Manhã*; GERVASIO LOBATO, redactor do *Occidente*; HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, official de marinha; J. C. RODRIGUES DA COSTA, official de artilheria, e redactor da *Revolução de Setembro*; JOÃO CHRISOSTOMO MELICIO, director politico do *Commercio de Portugal*; J. DE LEMOS, director politico da *Nação*; J. CECILIO SOUZA, redactor da *Folha do Povo*; JOSÉ ELIAS GARCIA, official de engenharia, e professor da Escola do Exercito; JULIO CESAR MACHADO, da Academia Real das Sciencias; LORIO TAVARES, jctnalista; LUCIANO CORDEIRO, director politico do *Jornal da Noite*; MAGALHÃES LIMA, redactor do *Seculo*; M. M. AUGUSTO DA SILVA BRUSCHY, redactor da *Nação*; N. DE BRITO, redactor da *Nação*; PINHEIRO CHAGAS, da Academia Real das Sciencias, ministro e secretario d'estado honorario; RAMALHO ORTIGÃO, escriptor publico; RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO, redactor dos *Pontos nos ii*; READ CABRAL, funcionario superior das alfandegas; T.; TEIXEIRA DE QUEIROZ, redactor do *Seculo*; URBANO DE CASTRO, redactor do *Correio da Manhã*; VICENTE ALMEIDA D'ÊÇA, official de marinha, e professor da Escola Naval; VISCONDE DE BENALCANFOR, da Academia Real das Sciencias; ZACHARIAS D'ÂÇA, escriptor publico; ZEPHYRINO BRANDÃO, official de artilheria, e membro da Academia Real das Sciencias.



Nos antigos catalogos da Bibliotheca Publica de Lisboa ha um numeroso grupo methodico constituido exclusivamente por *historias de naufragios*. E são quasi todas portuguezas, essas historias lastimosas: relatam as frequentes catastrophes d'aquellas naus, cuja partida se annunciava com dobres nos campanarios, e rufos de caixas destemperadas que pareciam dizer *quantos irão que não voltarão*; perpetuam a memoria de tantos galeões e caravellas que balisaram no fundo do oceano, com as carcassas desconjuntadas, as carreiras da Índia e do Brazil; compõem em summa a horrenda tragedia que foi indelevel reverso da nossa epopeia maritima.

Está ali, talvez, o archivo dos mais legitimos titulos das soberanias portuguezas d'alem-mar. Em vez de dizermos ao mundo, como costumamos para lhe inspirar respeito, que nenhum povo tem mais glorias nos seus fastos, deveriamos lembrar-lhe que nenhum conta mais naufragios no seu martyrologio. Os naufragios provam mais que as conquistas; muitos sinistros dizem intemerato arrojio, muitas victorias podem significar tão só esmagadora força. Contra os indios, os cafres ou os guaranis, os nossos guerreiros eram um contra apenas mil, ao passo que os nossos baixeis eram uma taboa contra um oceano, um pedaço de vela contra os furacões, um ponto contra a immensidade, o homem contra Deus. Demais, o que a civilisação realmente nos deve, são as vidas que perdemos, e não as vidas que tirámos; os despojos que deixámos no mar, não os despojos que recolhemos na terra. E por isso se o Gama, e Pedro Alvares, e Diogo Cão, e Bartholomeu Dias, são estatuas do monumento heroico da nacionalidade portugueza, o mais sagrado do verdadeiro reliquario da religião nacional está disperso nos abysmos do Atlantico, e misturado nas areias das praias tormentosas da Asia e da America.

Mas porque o naufragio é a maior lembrança do nosso passado, é tambem a tragedia com que a nossa sensibilidade mais se acostumou a chorar. As tristes familias dos naufragos do *Ville de Victoria* não podem receber pesames mais sentidos que os dos descendentes de tantos naufragos, que assignalaram com os cadáveres os recifes e as voragens dos mares esquecidos do velho mundo e das costas ignoradas de mundos novos.

ANTONIO ENNES.

ACUDAMOS AOS QUE SOFFREM

As maiores desgraças trazem tambem á evidencia as maiores dedicações. Quando estas surgem, aquellas diminuem. São como o balsamo: attenuam os effeitos dolorosos das lesões.

Nas campanhas da paz, acudir aos que gemem, velar pelos que soffrem, socorrer os que ficaram desamparados, é exercer o mais nobre sacerdocio e entrar na pratica das mais sublimes acções.

As grandes virtudes civicas apuram-se neste crisol.

A colonia franceza, em Lisboa, tomando a iniciativa de uma festa em beneficio de dezenas de infelizes, subitamente feridos por um naufragio, e sem attentar á nacionalidade de cada um, dá um exemplo aqui digno de imitar-se.

Saudemol-a por isso! E façamos votos para que a sua festa seja coroada do mais brilhante exito!

BRITO ARANHA.

HORRIVEL quadro, que inda quasi eu vejo!...
 Subito, a nave c'o naufragio arcar,
 Qual dando em syrtes de traiçoeiro mar,
 Nas aguas mansas do risonho Tejo!

Baixar, sumir-se, só restando a crista
 Dos altos mastros! No infortunio seu,
 Braços inuteis, que levanta ao Ceu,
 De bronze então... Que maguada vista!

E os que lá dentro, em mis:randa sorte,
 Mas descuidosos da visinha dor,
 Tão de repente os accommette o horror,
 Que só despertam para ver a morte?!

Pois ha mais tristes que estes pobres tristes:
 Os que os amavam, sem morrer tambem,
 Que embalde pedem o perdido bem
 A crua morte, que, assombrados, vistes!

Levou-lhes tudo de Lisboa o porto,
 E vivem inda!... Que o seu brado em vão
 Não seja agora; nem fechada mão
 O mal lhes dobre, em recusar conforto.

Do horrivel quadro, que inda quasi eu vejo,
 Óh! Possam estes lá tambem guardar,
 Co'a magua eterna, que os fará chorar,
 A eterna flor com que recende o Tejo.

J. DE LEMOS.

A CATASTROPHE terrível de 24 de dezembro causou uma profunda dôr por acabar com tantas esperanças; mas é para o futuro que as gerações se preparam, e ali encontrarão ellas o nobre exemplo do bravo marinheiro que commandava o *Ville de Victoria*.

J. ELIAS GARCIA.

O NAUFRAGIO NO TEJO

SE a catastrophe do *Ville de Victoria* figurasse nos jornaes em folhetim, em vez de figurar no noticiario, quantas vezes se não teriam levantado a gritar indignadas contra a falta de realismo do romancista, contra o absurdo flagrante da sua fabula mal inventada! Se em vez de se ter representado no Tejo esse sinistro naufragio, se tivesse representado no theatro dos Recreios, se em vez de ser um triste quadro da vida real, fosse um apparatuso quadro d'um drama marítimo, que severa pateada vingadora não ergueria nuvens de pó para castigar a falta de verosimilhança, a ausencia absoluta de observação d'esse desastrado dramaturgo que, para armar ao effeito, se tivesse lembrado de fazer naufragar um navio nas aguas serenas do nosso Tejo, ancorado ali de frente do quartel de marinheiros, por uma noite placida e tranquillã, e matando logo, sem cerimonia, a bagatella de trinta e tantas pessoas, como se se tratasse d'um naufragio no alto mar, longe de todas as vistas e de todos os soccorros, por uma noite de vendaval tragico, tendo por unicas testemunhas o Oceano e o Ceu — essas duas immensidades.

Pois o dramaturgo que tal situação intentasse, o romancista que tal scena escrevesse, teria achado a nota mais vibrante de verdade de toda a litteratura contemporanea.

É que ha um auctor supremo, que não se importa cousa alguma com a critica, não se prende nada com a logica, e que se chama — o Destino. Não observa a verdade, faz mais do que isso: — fabrica-a.

Um dia faz o naufragio do *Ville de Victoria*, e no dia immediato faz o incendio da rua da Bitesga, como que para demonstrar sinistramente que inverosimilhança é uma palavra completamente ôca de significação, e que ao lado de algumas paginas da Historia não ha conto, por mais phantastico, que seja absurdo.

GERVASIO LOBATO.

A CARIDADE não conhece partidos nem distingue nacionalidades. Tem por patria o mundo, por bandeira a Cruz do Calvario.

A fidalga Lisboa, unindo suas lagrimas ás dos desolados hospedes seus, que aqui vieram encontrar a desdita, estende hoje a mão nivea e aristocratica, implorando para elles uma esmola. Não lhes indaga a procedencia, nem pergunta as opiniões. Enxuga, com o seu obolo, o pranto alheio.

Janeiro de 1887.

A. PORFIRIO DE CARVALHO PEREIRA.

NO NAUFRAGIO

*N*ão faltou nada á tragedia
Do navio a sossobrar!
A mãe, abraçando um filho,
Lá jaz no fundo do mar!

*Talvez que n'este momento,
Sempre das mães protectora,
Receba a mãe e o filhinho,
Nos braços Nossa Senhora!*

Janeiro 2, 1887.

BULHÃO PATO.

Eu tenho uma grande admiração sympathica pela França, mas tenho tambem uma grande veneração fervorosa pelo principio da solidariedade humana, e, por isso, desde o momento em que eu posso, n'um acto só, consignar singelamente toda a minha fé de homem moderno, associando-me a um pensamento, que por egual a satisfaz e commove, sinto-me feliz podendo escrever aqui que Portugal é o maior dos pequenos povos da historia, não pelo seu passado glorioso, mas porque nenhum povo o pôde exceder ainda na eloquencia com que comprehende e avalia as alheias desgraças e no profundo sentimento com que cumpre e sabe cumprir todos os seus deveres perante a suprema identificação dos espiritos e dos corações nos grandes jubilos como nas grandes dores. É alguma cousa, n'este seculo de egoismos, existir um povo que tenha coração, é muitissimo haver um povo que tenha lagrimas para as desventuras dos outros.

AUGUSTO RIBEIRO.

*N*ão trazem ouro os areiaes do Tejo,
Como resam as velhas tradições;
Mas essas aguas, em fatal bocejo,
Devoram vidas, rasgam corações.
Não desprezemos nós o grato ensejo
De defender o rio que amou Camões:
Da caridade pelo doce encanto,
Transformemos em ouro o nosso pranto.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

FALLAR em victimas é despertar a piedade dos homens.
Honra á França em nome da piedade!

MAGALHÃES LIMA.

REGEITAMOS a solidariedade homicida com o nosso rio ou com as traições do acaso, ou da imprevidencia, de que o façam agente. Elle é meigo e ameno, cristalino e poetico, quando o é; alteroso, irado, traidor e assassino, quando os poetas optimistas, que dormem a manhã no cama, o não vêem, que então abalrôa, arromba, subverte, mette a pique, e sepulta nos seus lodos os cadaveres das mais nobres victimas, que colhera desprevenidas. Mais sereno e pacifico é então o oceano Atlantico, por onde passam tantas vezes em viagens, eternamente saudosas, encadeadas de delicias, essas bellas cidades fluctuantes, que o progresso inventou para civilisar o mundo, e que levam, de porto a porto, atravez de milhares de milhas, e de um povo a outro, milhões de pessoas. O *Ville de Victoria* era um d'esses formosos vapores, que tantas vezes sulcára triumphante o mar entre a Europa e a America. Viera acolher-se ao nosso porto, aonde uma noite dormia descançado, pairando em rhythmicos balouços, ao som da musica dos ventos nas enxarcias, quando foi traidoramente surpreendido por um monstro que lhe rasgou o ventre e as visceras, sem lhe deixar, sequer, tempo para um clamor desesperado e unisono de soccorro e salvação. Protestemos perante o mundo. Não temos culpabilidade consciente do facto terrivel. Negamos a nossa solidariedade com aquellas aguas, que asphixiaram tantos corpos innocentes e adormecidos, no momento em que, talvez, sonhavam com a ventura, e o amor, com a honra e o dever, com as alegrias do regresso, com as caricias da familia: a patria, os paes, as esposas, os filhos, as noivas; n'um sonho grato e florido, de que só os seus espiritos acordariam na eternidade!!! Durarão longos annos, sem jamais se estancarem, as nossas lagrimas, as lagrimas d'esta cidade; sem se apagar na memoria do nosso povo aquella visão tragica, pallida e fria! Nem ao menos o calor da terra, o agasalho da mãe universal, que a todos recebe por fim, tranquilla, no somno final! Nem uma sepultura condigna lhes podemos ainda offerecer em penhor dos nossos bons desejos de povo hospitaleiro! Nem isso! Só as aguas redomoinhantes, enregeladas e sempre ameaçadoras, a mortalha descaroavel da nevoa, dos ventos agitando as vagas, de uma lua desconsolada, duvidosa e incerta do inverno... Desconsolo, côres pallidas... frio, frio... e lagrimas, e suspiros! Desaffoguemos esta dôr incrível nos deveres sagrados da fraternidade, que é a honra, porque é a religião das religiões nos povos adeantados. E já que não podemos restituir em triumpho, coroadas de flôres, e entre jubilos e festas, aos seus lares aquellas victimas innocentes, aonde havia heroes do mar, heroes da sciencia, e heroes da patria e do amor, levemos a esses lares enluctados a humilde offerenda da nossa saudade, da nossa dôr de irmãos, filhos da mesma raça e da mesma christã civilisação, o nosso brinde de piedade e de dedicação respeitosa, aos rostos que alli choram, nobres corações que alli soluçam nos transeis d'esta angustia indiscriptivel.

EDUARDO COELHO.

ESCREVENDO para um fim de caridade, antes de bater na cabeça para reconhecer se haveria lá dentro — *rara avis* — uma ideia, entendi dever bater na algebeira para averiguar se, tambem lá dentro, haveria meia... libra.

E achando-a, não tentei segunda experiencia — prudentemente...

A CARIDADE

HA tres irmãs divinas n'este mundo :
 Uma, em extasi ardente, o olhar profundo
 Embebe pelo ceu.
 A sua vida é crêr; n'esta obra immensa
 Da natureza, enleva-se, não pensa,
 Diz só: — «A Fé sou eu!» —

Outra a Esperança, um anjo meigo e triste;
 Lucta com o mal, padece, mas resiste,
 Às vezes diz: — «Venci». —
 Tem a coragem máscula e serena,
 E, se a desgraça livida lhe acena,
 Mesmo a chorar sorri.

A doce Caridade é a terceira;
 Anda de porta em porta, a mensageira
 D'alegria e do bem;
 Ao orphão desvalido, ao pobre enfermo
 Costuma segredar: — «Se estás n'um êrmo,
 «Em mim tens pae e mãe!» —

Pois este serafim d'olhos celestes
 Aqui vos trouxe; os obolos que destes
 São para filhos seus.
 Quanta dôr n'este instante se consola! . . .
 É bem certo que aos pobres dar esmola
 É dar a cambio a Deus!

E. A. VIDAL.

No dia 24 de maio de 1886 festejava-se no paço dos nossos reis, com opulencias e jubilos, um acontecimento auspicioso a que o nome da França estava intimamente ligado. O paiz inteiro repetiu com entusiastica effusão esse nome glorioso. Sete mezes depois, dia a dia, a 24 de dezembro do mesmo anno de 1886, o horroroso naufragio do *Ville de Victoria* torna a fazer echoar o nome da França em Portugal, e d'esta vez triste e lugubrememente! Mas então, como agora o povo portuguez mostra a sua sympathia por esta grande nação, porque tendo sabido acolher com festas luzidas a franceza illustre que veio ser esposa do seu futuro rei, sabe tambem acudir com o seu modesto obolo aos francezes pobres e humildes, victimas da medonha catastrophe.

É que nos momentos solemnes, os povos que se prezam, e que têm alma para nobres e elevados sentimentos, apertam no mesmo abraço fraternal os grandes que elles querem exaltar, e os pequenos que carecem do seu auxilio e do seu amparo.

JOÃO CHRYSOSTOMO MELICIO.

CONTOU-SE que o mergulhador que, protegido pelo scaphandro, penetrou n'esse cadaver de navio, em cujo antro horrendo se encerram tantos cadaveres humanos, voltou hallucinado e tremulo dizendo aos que o interrogavam, que nunca, por preço algum da terra, tornaria a descer ao fundo d'esse *Inferno*.

É que para o descrever seria preciso a pena bronzea, a penna implacavel do poeta florentino!

A ter-se realizado esse acontecimento, que mais tarde se desmentio, imagine-se por um instante o que seria, surprehender na sua tragica e flagrante sinceridade esse spectaculo de horror, *ver* na sua realidade tremenda, o que a phantasia mais sinistra mal pôde conceber!

Dentro do navio anavilhado no escuro das aguas, na tranquilla mudez da noite pelo colosso inconsciente que se desprendêra da amarra, as victimas colhidas de subito morrem obscuramente, morrem sem poder levantar para os céus inviziveis um grito de dôr! O espanto, a revolta inconsciente, o pasmo atroz, a anciedade espavorida, a medonha surpresa, revellam-se nas attitudes dolorosas e convulsionadas, d'esses corpos, que solitarios ou fraternalmente, enlaçados contam sem fallarem a intensa agonia que antes de os matar os fez viver, em segundos, um seculo de agonia infernal!

Não ha homem por mais bravo a quem a morte não repugne e não dêa!

Conta-se que Jesus, o heroe e o Deus, hesitou momentos ao chegarem lhe aos labios sedentos de martyrio o calix da suprema dôr.

Mas morrer por uma ideia bella, ou por um sér adorado; morrer na ebriedade viril d'uma lucta gloriosa; morrer na energica explosão d'uma vontade, ou na beatifica exaltação d'um sentimento, pôde ter compensações que tudo paguem, delicias ineffaveis que tudo façam aceitar!...

A morte, porém, d'estes desventurados é tão atroz, é tão negra, é tão anti-natural, é tão medonha que eu, deante da visão que ella evoca ante os meus olhos, não tenho palavras, tenho lagrimas; não sei de todo escrever, sei apenas chorar!... E aqui e alli, nas costas melancolicas da velha Bretanha, nas verdes aldeias da poetica Normandia, nas povoações maritimas da gloriosa França, quantas mães, quantas viuvias, quantas creanças orphãs choram tambem, olhando as verdes ondas do mar mysterioso e soluçante!... d'onde *nunca mais* lhes surgirá a bella figura carinhosa e viril que viram partir entre o receio e a esperança!...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

O MARINHEIRO concerta as velas antes de largar de viagem, embora a sorte venha a inutilisar a sua prudencia e os seus esforços. Bem mais seguros de seu rumo e do vento ponteiro que os acompanhe, são os que, antes de partir para a festa, levem a consciencia de terem valido ás familias dos que naufragaram.

Que o impulso da caridade dos portuguezes indique na sua dedicação generosa a raça heroica e forte de homens, que descendem dos que nos perigos do mar procuraram a gloria!

JULIO CESAR MACHADO.

LE NOËL DES NAUFRAGÉS

Je ne connais rien de plus tragique que cet affreux événement dans sa poétique simplicité. Ce naufrage n'a pas eu de mise-en-scène. L'orage ne s'est pas déchainé, on n'a pas entendu le bâtiment gémir et craquer sous l'âpre morsure de la vague, on n'a pas vu le ciel noir sillonné par la foudre, les flots hurlants se jeter comme une meute sur le navire aux abois, et le génie glauque de la tempête ricaner au milieu de la nuit et montrer, comme des dents cruelles, les blancheurs sinistres de l'écume. Non ! rien de tout cela ! dans le ciel profond, vaguement éclairé par le reflet lointain de l'aube qui s'approchait, les étoiles s'enfuyaient frissonnantes ; le fleuve était calme, le *fleuve du Tage*, le fleuve des vieilles romances, le doux fleuve qui n'arrachait des larmes qu'à nos grand'mères, lorsqu'elles entendaient le mélancolique refrain de cette chanson de leur jeunesse ! *Fleuve du Tage* ! Ces deux mots éveillaient aux lèvres des jeunes Françaises un sourire un peu moqueur, comme la vue d'un de ces grands chapeaux qui ont abrité les grâces de grand-maman ! Et voilà que tout-à-coup la romance tourne au tragique, et ces deux mots sonnent comme un glas funèbre à l'oreille des mères, des fiancées, des sœurs des matelots ! Fleuve du Tage, que tes bords sont doux, et que tes flots sont amers pour celles à qui tu as ravi un époux ou un enfant !

La ville était en fête. Noël approchait. Je me figure quelque passager ou quelque matelot s'accoudant sur le bastingage, et regardant la ville endormie et souriante sous un ciel étoilé, les longues files des lampions immobiles qui dessinaient le long du fleuve des cordons lumineux, les lumières errantes de quelque voiture attardée, qui brillaient, qui disparaissaient comme des vers luisants, et les feux rouges de quelque barque de pêche, qui se reflétaient tremblants dans le miroir calme des eaux. Peut-être un sentiment de tristesse l'envahissait à son insu. Ce serait le lendemain la veille de Noël, et lui... il serait sur la mer, dans la grande solitude, entre le ciel et les flots, tandis que dans ces maisons endormies la gaité des enfants éveillerait des échos sans nombre, et que là... bien loin... dans un village de la France, tous les êtres bien-aimés, assis autour de la table, boiraient à la santé du cher absent, et le vin pétillerait dans les verres, et il y aurait un silence ému, et dans ce silence on entendrait, comme un pressentiment, le murmure plaintif de la mer.

Puis il aura descendu, en jetant un dernier regard sur la ville endormie, et voilà que tout-à-coup on entend le cri de détresse, et le bâtiment poignardé se couche sur le flanc. Et il est accouru, et il a vu devant lui soudain l'image sinistre de la mort, et il a cherché instinctivement de ses yeux effarés la ville paisible, et il l'a revue endormie, souriante, sous la clarté des étoiles, déroulant ses longs rubans lumineux, et il a vu, dans cette vision effrayante de ceux qui vont se noyer, le calme intérieur de ces maisons, les enfants endormis sur le sein de leurs mères, l'essaim des rêves d'or qui voltigent sur la couche des jeunes filles, et dans la nef sombre de ces églises, dont les hautes tours se profilaient sur le ciel, l'enfant Jésus qui attendait, couronné de fleurs, la fête du lendemain ; et la troupe moutonnante des vagues qui grimpaient les échelles, comme des pirates cachés au fond de la cale, qui sautaient par-dessus le bord... éteignit dans ses yeux cette vision d'un instant, étrangla dans son cerveau la pensée, et il a plongé dans l'abîme, et, lorsque il est revenu sur

l'eau, haletant, suffoqué, il a revu encore ce calme spectacle, la ville illuminée, où voltigeaient les rêves de Noël, le ciel placide et pur où Dieu dormait aussi, car il laissait mourir d'une mort affreuse ces innocentes victimes, et il a disparu de nouveau, et sur son cadavre inerte le fleuve indifférent a déroulé le linceul de ses vagues, où dansaient, comme des sirènes, les derniers reflets des étoiles pâlisantes et les premières blancheurs de l'aube qui s'éveillait.

Tandis que ce drame affreux se déroulait à nos côtés, nous dormions calmes et souriants dans ces maisons dont le profil illuminé par le gaz a frappé peut-être d'un dernier rayon, cruel dans sa placidité, ces prunelles qui allaient s'éteindre. Le lendemain, Noël a réveillé nos enfants de son carillon joyeux, et le soir nous les avons vus, gais, roses, babillards, accueillir, d'un beau rire, chaque nouveau jouet. Et dans un coin de la France, Noël n'éveillait que des larmes et des douleurs, et la fée qui apporte aux enfants, dans cette nuit bénie, les joujoux, les friandises, s'asseyait, là-bas, triste et morne, voilée de deuil et les mains vides, à la porte des chaumières, où pleuraient les enfants, où gémissaient les veuves. La fée du Noël s'appelaient chez nous la Gaité, chez eux la Misère.

Eh bien! nous ne pouvons leur rendre leurs pères et leurs époux que notre fleuve a engloutis, mais nous pouvons leur envoyer un peu de cet or qui sèche les larmes des mères, parce qu'il donne du pain aux enfants. C'est une légende portugaise la légende de cette reine, qui changeait en or les roses de son jardin. Eh bien! mes chères compatriotes, jetez en riant, dans les corbeilles de la quête, les fleurs de votre corsage. Une larme de sympathie pour ces douleurs y brillera sans doute. Sous cette perle de rosée, ces fleurs, comme celles de Sainte-Isabelle, deviendront l'or pur de la charité.

Ils ne dorment pas dans la terre française, ces pauvres martyrs d'une fatalité inconcevable, mais ils tressailliront peut-être en entendant une voix étrangère leur dire dans leur langue: Dormez en paix, matelots, vous êtes chez un peuple de marins, qui ne laisseront pas mourir de faim les veuves de leurs camarades. Dormez en paix, enfants de la France. Vous êtes chez un peuple qui est bien heureux, allez! de pouvoir rendre à la France, en témoignages de sympathie, un peu du rayonnement dont l'âme française remplit nos esprits et nos cœurs. Et à ces exilés de la mort peut-être cet écho affaibli de leur doux langage rendra un peu moins lourde cette terre étrangère.

PINHEIRO CHAGAS.

Ó Deus de amor, que dás no mundo aos desgraçados
o consolo supremo, o allivio de uma crença,
desce piedoso olhar aos tristes desherdados,
dá um raio de luz, ó Deus, á dor immensa.

*Para todo o infortunio e toda a desventura
no teu seio de pae o alento calmo tens;
e hoje invocam-te, ó Deus, na senda da amargura
que se abriu á orphandade e ás lacrimosas mães!*

ASSIS DE CARVALHO.

A ARTE

NAS sociedades cultas a Arte é piedosa e meiga, como as Mães.
Tem sorrisos, flores, blandicias para todos os jubilos; lagrimas, piedade, abnegação para todos os infortunios.

São seus filhos adoptivos todos os que sonham e todos os que choram.

Faz de uma flor uma apothéose e de uma lagrima um poema.

Mãe affectuosissima sempre, a Arte enxugará agora com as suas mãos carinhosas o pranto afflictivo dos naufragos do *Ville de Victoria*, pobres victimas de uma tragedia subita, enorme, brutal.

Orphãos que ella perfilha, aconchega-os ao seio radioso, n'um impulso de amor e de piedade.

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR.

*CHORA a morte arrependida
Da sua propria crueldade,
E encosta a fronte abatida
No seio da caridade...*

ALBERTO PIMENTEL.

FRAGMENTO

.....
A COMMUNA: — uma cousa terrivel, ardente, humida... de sangue, de lodo, de lagrimas. Profundamente triste. Foi uma horrivel nevrose, aquillo. Como a Bagauderie, a Bundschut, como tantas outras. Separae, levanta e Communa, — é um esforço ingrato, mas é um esforço necessario, — levanta e Communa... até á região serena da critica scientifica. Separae o sangue, o petroleo, a lama. Esquecei o incendio do Louvre, o assassinio de Darboy e dos refens, a demolição da Vendôme. Ponde de parte os incendios idiotas, os assassinios infames, as ridiculas demolições. Ha de ficar alguma cousa no fundo do cadinho, alguma cousa que não é justa, mas que é faticida, — alguma cousa que não é decerto a pedra philosophal, mas a philosophia da Dissolução, a tremenda, a terrivel, a velha philosophia de Helius, de mestre Jacob, de João de Keut, de Jacques Bonhomme, de Stork, de Munzer. Alguma cousa que Versailles não pôde destruir, porque a Violencia só destroe a Violencia. Alguma cousa que vem da Historia, que vem de longe, que é preciso estudar, que é preciso resolver, porque só a Idea resolve a Idea, porque só a Justiça mata o Odio, porque só a Sciencia subjuga a Treva.
.....

LUCIANO CORDEIRO.

«Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.»

LUSIADAS, V, 83.

D'ANTES, quando o navio, essa maravilhosa machina com que o homem avassallou o mar, carecia indispensavelmente do vento que lhe enfunava as velas e o fazia seguir na derrota destinada, era da falta ou do excesso d'elle, da calmaria ou do temporal, que mais se arreceiava o mareante. Cabisse a brisa durante muitos dias, e era a morte horrivel á sede no meio da agua, á fome no seio da immensa vida; crescesse o furacão, e necessario se tornava diminuir o panno, tanto e tanto, que por vezes não havia meio de resistir á grandeza do escarceu. E os que ficavam em terra, ao escutarem em noite caliginosa o vento assobiar por entre as portas abaladas com violencia e gemer lugubres toadas na ramaria dos arvoredos, ao sentirem a chuva açoiando os tectos e engrossando as torrentes, pensavam instinctivamente nos que andavam sobre as aguas do mar; quantos de nós se não lembrarão de ter ouvido a voz piedosa das mães recommendar uma prece pelos miseros navegantes!

Mudou já tudo. Hoje a sciencia prevê a tempestade. A electricidade annuncia a. O navio arrosta-a impavido; do vento contrario zomba, do favoravel prescinde; se elle tem nas entranhas o machinismo potente que o faz correr mais veloz que o vento! Mas este mesmo progresso maravilhoso gerou uma nova causa de destruição; essa mesma velocidade vertiginosa, que põe em intima comunicação as plagas mais distantes, muitas vezes, quantas! leva de encontro uma á outra duas d'aquellas complicadas construcções, e a propria rapidez da carreira é causa de que o embate seja mortal para uma d'ellas quando não para ambas. E assim vae ao fundo e se sepulta no Oceano uma povoação fluctuante, que outra coisa não são os grandes paquetes do nosso tempo, em calma, quando mal se sente o pulsar pausado do grande coração do mar, que parece dormir e sorrir n'um sonho d'amor. E o abalroamento, o grande terror dos mareantes d'agora!

Nem é preciso tanto. A sciencia fez fluctuar o ferro e construiu os Levitans d'aço. Mas não podem elles estar proximos, sequer quando repousam. Vem uma d'essas forças que manifestam a vida constante da Natureza: o affluir das agoas d'um rio ao seu pae commum approxima os dois productos do cerebro humano; e elles, que desprezam o furacão e a vaga alta, não resistem ao contacto e submergem-se!

E assim, apesar de tantas maravilhas do genio inventivo,

«Quão facil é ao corpo a sepultura!»

VICENTE ALMEIDA D'ÇA.

A DESGRAÇA hermana os povos, a quem a prosperidade muitas vezes separa n'um isolamento egoista.

Lisboa, 13 — 1 — 87.

CONSIGLIERI PEDROSO.

NO TEJO

VINTE e seis submergidos e seis com um logar na terra, ao pé dos cy-
prestes.....
Para estes haverá ainda a consolação d'uma lagrima que tombe nos tu-
mulos, enquanto uma oração võe para o azul.
Para aquelles o Acaso encravou no Tejo uma homenagem de respeito.
E o marinheiro que passa, á tarde, ao descair do sol, curva-se, scismando,
perante aquella sepultura ondulante, onde se projecta, em linhas tremulas, a
sombra inclinada d'uma verga em cruz.....

LORJÓ TAVARES.

ULTIMO BEIJO

TEEVE uma nota triste aquelle triste drama,
Que irá levar, de certo, a magua mais profunda
A todo o coração gentil que um outro afaga e ama.

Dois noivos juvenis no barco repousavam,
Quem sabe se a dormir apoꝝ doces caricias,
Quem sabe se dizendo o quanto se adoravam.

Pouco a pouco, de manso, o Tejo foi tragando
O gigante de ferro, enquanto os dois, felizes,
Sósinhos no beliche, em paꝝ iam noivando.

Ella abraçou-se a elle; e toda aconchegada
Ao seu peito gelado, a custo segredou-lhe:
— Dá-me outro beijo mais! Tão fria, a madrugada!...

5 — 1 — 87.

CASIMIRO DANTAS.

ATÉ na desgraça foi grande o Tejo!
Abriu as fauces para tragar as victimas que uma nau estranha involuntariamente lhe arremessava, mas foi para que a sua rainha abrisse o seio n'uma sympathica manifestação de tristeza e de caridade.

Venceu os elos que lhe prendiam ao intimo aquella nau; venceu os esforços de muitos que procuravam fugir-lhe; mas não venceu nem os impulsos generosos de uma colonia amiga, nem os laços que a essa colonia nos prendem.

E é grandeza o deixar-se vencer para exaltar a virtude!

Janeiro de 1887.

M. M. AUGUSTO DA SILVA BRUSCHY.

O FIM DO ANNO

O fim do anno é sempre melancolico, como tudo quanto se despede para nunca mais voltar.

Houve dias de aspero combate sem treguas, horas cujos segundos poderiam contar-se pelas lagrimas que arrancaram, minutos que valeram seculos, mas tudo isso esquece, em parte, quando esses dias fogem, quando esse pranto secco, quando esse presente expira, amortalhado nas dobras do passado.

E no fundo da nossa alma resoa, ao invocal-o, a mysteriosa voz da saudade que tudo poetisa, da saudade que é a vida dos nossos sonhos, e que reflori nas lagrimas, mesmo quando é a morte das nossas illusões!...

É isto o coração humano, o pobre nostalgico, eternamente seduzido pela miragem, devorado pela sede tantalica que ninguem poderá saciar-lhe, aguilhoado, como Prometheu, ao anguloso granito, d'onde em vão invoca o céu impenetral, e rolando como Sisipho o penedo que o prende á terra inclemente!...

D'esta vez, porém, o fim do anno foi mais do que o threno saudoso, acariciando-nos docemente, e murmurando ao nosso ouvido o adeus da extincta mocidade que partiu para longe, atirando-nos o seu ultimo ramo de rosas.

Assignalou-o lugubrememente a catastrophe do *Ville de Victoria!*

A esta hora, em que ha muito emmudeceram os ultimos arrancos dos agonisantes, cortados pelo gelido vento da madrugada, em que o mar, indifferente como um assassino irresponsavel, continua a desdobrar serenamente as suas aguas doiradas pelo sol e argentadas pelo luar, uma dôr pungente, feita de todas as angustias preconcebidas e de todas as piedades accumuladas, arrasta-nos pelo pensamento para a contemplação d'esse quadro dantesco: um grupo de cadaveres estereotypado na tela das ondas, cuja visão bastou para fazer d'esse anno que pertence ao passado, o anno tragico, cuja recordação será execrada no futuro!

Oh! minha adorada França! Eu que tantas vezes procuro em vão no meu arido estylo uma flôr de espirito para desfolhar-te aos pés, — gloriosa, immortal e alegre inspiradora da raça latina! — eu venho hoje trazer á sepultura onde dormem em paiz extranho os teus filhos, uma oração, o supremo refugio dos vivos, e uma lagrima, o derradeiro tributo pago aos mortos!

Lisboa

GUIOMAR TORREZÃO.

NO MAR

CONTEMPLANDO-SE OS vortices do mar, em que sob as rajadas de vento, como se a vergastassem açoites aéreos, uma embarcação se abysma de repente, comprehende-se como nas idades primitivas da humanidade avassallava as creaturas a religião dos deuses naturaes, que vivem nas cousas. O terror e a piedade da tribu, da familia, deviam concentrar-se nas catastrophes supremas, nas tragedias da natureza e da vida.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

FINAL D'UM CONTO

(No Ville de Victoria)

.....

O NAVIO, qual cetaceo enorme, oppunha á torrente impetuosa, o largo arcaboço. Em volta, a escuridade inviolavel e o silencio embalado no sussurro monotono das ondas. A distancia, as luzes suspensas das vergas dos navios semelhavam-se a fogos fatuos sobre este largo cemiterio do Tejo.

Um rapaz loiro, olhar energico e suave, meditava e escrevia no seu beliche, palavras calorosas que lhe sahiam do peito. Que extasis, que encanto, deante d'essa imagem querida, representada na sua imaginação!

Chega o momento do perigo, e elle comprehende-o rapidamente. A voz do commando, a confusão a bordo, o vibrante grito d'alarme, eram elementos da sombria tragedia. . . Mas precisa salvar qualquer coisa, que vale o risco da propria vida. Um medalhão com retrato? alguma madeixa de loiros cabellos, que o mar não deve conspirar com a sua vasa? cartas onde se lêem ternas expressões d'um coração amante? . . . Mas o perigo cresce com a rapidez tenebrosa da morte que se approxima. O gorgolejo da agua entra ameaçador pelo rombo fatal. Elle quer salvar-se, sempre com a imagem querida deante dos olhos. O mar turbulento apanha-o, inutilisa-lhe os esforços herculeos, impelle-o contra as paredes, revolve-o como uma folha secca. . . mata-o.

Dias depois, o seu cadaver apparece boiando junto da praia. O corpo, já amollecido pela decomposição, é estendido sobre a areia branca e lisa. Aquelles olhos mortos fixam o ceu inclemente!

Na mão tem energicamente amarfanhado um pedaço de papel, onde os ultimos pensamentos amorosos do seu cerebro, estão indelevelmente escritos.

Havia n'este cadaver a tenacidade tremenda da existencia que não quer acabar.

Lisboa, 12 Janeiro, 87.

BENTO MORENO (*Teixeira de Queiroz*).

É GRANDE, grande, — immensa a Caridade!
 muito maior que a dor,
 por grande que a dor seja;
 que fez Deus encarnar na humanidade,
 sem distincção de raça nem de igreja,
 o seu verbo de amor.

Não foi o Tejo, — o manso, — o chrystalino,
 — o hospitaleiro! não!
 quem fez o enorme damno.

Macularam-lhe o seio. . . Era o destino! . . .
 era a sanha cruel d'esse mau anno
 que nos deixou em lucto o coração.

T.

DIVIDA PAGA

Por occasião do naufragio do *Ville de Victoria*, — navio desarmado e indefeso que o esporão do couraçado inglez feriu de morte, como o punhal do assassino á victima inerte e descuidosa, — um facto se deu que nem de todos é conhecido. É em si um pormenor bem insignificante, pensarão muitos; mas põe, evidentemente, uma nota sympathica n'aquelle quadro de luctos e de tristezas.

Hiante, o pélagos abriu as fauces medonhas, e o barco desaparecera, sepultando consigo a vida de muitos seres e a alegria de muitas familias!

Raros eram os que haviam conseguido lançar-se a tempo á agua, antes da fatal submersão. Um d'elles tinha um cão, que, vendo-o saltar, se precipitara tambem, e, longe de nadar para a terra, seguira o dono, offegante e exausto de forças, na ideia de continuar junto d'elle, e ter partilha na sorte que o esperava.

Todos os que n'aquelle tragedia horrivel tiveram um papel, quer succumbindo a uma ingloria morte, quer levando aos poucos que se salvaram o seu valioso auxilio, todos tiveram a sua compensação, se assim se lhe pode chamar!... — uns no geral applauso que conquistaram, outros na magua geral e sincera com que foram pranteados.

E o sympathico animal, exemplo de amizade e de dedicação?

É justo que não fique ignorado!

Serei eu que o lembre á sympathia dos que me lêem n'este momento.

CHRISTOVAM AYRES.

De todos os povos do globo é o pequeno povo portuguez aquelle que até hoje tem sentido com mais profunda intensidade, com mais intima vibração, a poesia do mar. Em nenhuma outra litteratura, moderna ou antiga, existem inspirados pelos phenomenos da navegação e sensibilidade humana dois livros como *Os Luíadas* e como *A Historia Tragico-maritima*, e em nenhuma outra parte as tradições, as lendas, as cantigas, as superstições populares accusam aqui uma tão estreita intimidade amorosa, nupcial e sagrada, entre o homem e o Oceano. Na Xacara da *Nau Catherineta* o comovido mestrel anonymo, que se chama o Povo, entoa esses dois versos que são a mais fiel e a mais sublime expressão poetica do seu destino:

A minha alma é só de Deus,
E o meu corpo é do mar.

Em quanto a mim declaro: se me fosse permitido escolher o genero de morte que mais me seduz, eu optaria sem hesitação alguma pelo naufragio. Tão sómente pediria para me submergir em aguas portuguezas, porque em nenhuma outras, por certo, o travo do sal marinho me lembraria tanto o das piedosas lagrimas da minha patria.

RAMALHO ORTIGÃO.

VILLE DE VICTORIA

VICTORIA! palavra magica!
 Fallas de gloria só:
 E agora, medonha, tragica;
 Phantasma de luto e dó.

Onde estão, oh Tejo! as aguas
 Que te invejam as nações?
 —Nem só no mar se tem fragoas,
 Nem só na guerra afflições.

Baluartes de Inglaterra,
 E gloria d'acções navaes,
 Sem vos baterdes na guerra,
 A sorte vos fez fataes!

Duas bandeiras unidas
 Á do nobre Portugal
 Estão no Tejo abatidas!...
 Da mesma dor o signal!...

READ CABRAL.

SALVÊ FRANÇA!

PROTESTAMOS contra a injustiça e falta de verdade d'esses que apodam de frívolo e leviano o povo francez.

A França, a nação mãe da raça latina, empunha, por direito inconstestavel, o facho luminoso da liberdade e da civilisação. E seus filhos, dignos de tal mãe, formam na vanguarda da progressiva marcha da humanidade, vencendo todos os attritos, derruindo todos os obstaculos, sempre generosos, sempre dedicados, promptos ao sacraficio das proprias vidas, para o bem de todos, ainda mesmo dos inimigos da sua raça.

Jazia a humanidade oppressa sob o jugo secular e ominoso do despotismo absoluto, e foi a França que, em 1789, fez projectar de um a outro extremo da Europa essa luz redemptora chamada — OS DIREITOS DO HOMEM.

E, vencidos, o despotismo baqueou para sempre. Onde os povos têm lutado para a conquista das suas liberdades, ahí temos visto os filhos da altiva França ao lado dos opprimidos contra os oppressores. Que o digam os Estados Unidos da America, a Grecia e a Italia.

Se é por esta nobre dedicação do povo francez pela humanidade, que lhe chamam frívolo e leviano, admiremos essas virtudes em que nenhum outro povo pôde levar a palma aos filhos da gloriosa França!

J. CECILIO SOUSA.

O NAVIO FHANTASMA

Visão d'um mergulhador

Foi aqui que elle se afundou, disseram-me elles. Vesti o meu scaphandro, e lancei-me á agua. D'alli a pouco desenhava-se a sombra indecisa do immenso colosso, e uns metros mais abaixo eu assentava os pés na tolda.

Coisa singular! Á minha chegada aquella morada da morte pareceu transformar-se!

O leviathan balouçava-se preguiçosamente no leito das aguas, os cabos ora bamboavam, ora se retezavam, oscillava a sineta, e noavez alguns vultos pareciam agitar-se na labutação da faina matinal.

Desci ao salão, passei por um homem, que subia a escada, e que me saudou com um gesto da sua cabeça livida. Afastei-me, mas ainda roçou por mim. O seu corpo tinha a dureza do marmore!

No salão confortavel e luxuoso tudo estava no logar proprio; nos sophás viam-se estendidos alguns passageiros: esperavam naturalmente a hora do almoço, liam, conversavam... Approximei-me d'elles. Tinham todos a mesma rigidez cadaverica!

Junto ao piano entrevi um vulto. Uma lindissima rapariga assentava as mãos sobre o teclado. Era loira, e os cabellos desciam-lhe em grossas tranças pelos formosos hombros, que bem podiam ser os d'uma estatua. Hirta, gelida, e immovel, nem pestanejava!

Espreitei um beliche. Uma mãe aconchegava uma creança ao peito. Nenhuma d'aquellas creaturas sorria!

Principiavam a aterrar-me aquelles simulacros de vida no seio da morte, latejavam-me as fontes... Mas antes de partir procurei o commandante.

Lá estava no seu logar, á pôpa, onde destacava a sua alta estatura. Dava naturalmente as ultimas ordens. Dirigi-me a elle: tinha a mão direita sobre a agulha, como indicando a derrota ao marinheiro que estava ao leme.

Ambos ficaram immoveis: as suas pupillas brilhavam, mas não se contrahiam, e olhavam fixas para mim!

O meu terror chegou então ao seu auge, e fugi. Aquelle navio era um navio phantasma!

Elle, o colosso enorme, o leviathan phantastico, partiú tambem, e eu vi na pôpa, em letras vermelhas e affogeadas, o seu nome e o seu destino.

Era o *Ville de la Mort*, e partia para a Eternidade!

ZACHARIAS D'ANÇA.

Não confundir a philanthropia com a caridade: aquella é madrasta, esta é mãe.

A caridade é um diamante bruto, quando não é lapidado pelo coração.

A caridade mais formosa é a que se pratica com sacrificio.

N. DE BRITO.

ENTRE dire de mauvaises choses ou en dire de bonnes que tout le monde sait, et les donner pour nouvelles, je n'ai pas à choisir.—

Le mot est de La Bruyère. Il est charmant. Le redire, c'est précisément éviter l'écueil contre lequel le grand moraliste à voulu nous mettre en garde; c'est encore à l'occasion d'une fête toute française me permettre de saluer la France dans la personne de l'écrivain, qui a sû, peut-être mieux que tout autre, montrer par la clarté parfaite, par la fermeté et la souplesse de son style, combien la langue française mérite ce privilège suprême, qui en a fait dire par Henri Heine, un allemand, qu'elle était bien la langue maternelle du bon sens, et de l'intelligibilité universelle.

BARROS GOMES.

HONTEM E HOJE

ARTE musical serve-nos para as grandes alegrias, como para as grandes desgraças.

Hontem organisámos concertos para abrilhantar uma festa nacional, que todos recordam ainda; hoje as notas vibradas, e os sons desferidos por artistas e amadores, terão por objectivo enxugar as lagrimas dos pobres naufragos do dia 24, compatriotas da Princesa illustre que originou aquella festa.

Hontem a musica saudou, n'um cantico de gala, o inicio de um poema de amor; hoje, n'um grito de piedade, pede esmola para as victimas d'um terrivel drama.

5 — 1.º — 87.

ANTONIO CASTANHEIRA.

PELOS INFELIZES

S'entr'aider, s'entr'aider.

V. Hugo.

N'UMA terra da Provença ardeu, um dia, todo um bairro. E n'essa terra havia velhos odios seculares. Pois cada familia resolveu que teria, á sua meza, e emquanto preciso fosse, outra familia desgraçada; e os odios desapareceram, e o amor, e a paz, e a alegria renasceram para offuscar aquellas enormes dôres, que se transformaram em festins deliciosos.

A caridade tem com effeito os doces effluvios do amor, e aos generosos corações dos marinheiros, educados na contemplação grandiosa do infinito, deve ser consolador o abraço fraterno dos que partilham a sua dôr, e osaum mitiga-la.

O factio, que acima citámos, indicado por um dos maiores talentos modernos da França, vale toda uma catechése, feita pelo mais inspirado apostolo da fraternidade humana.

Aos que nas ondas do Tejo perderam um parente, um amigo, os seus haveres, algum d'esses insignificantissimos objectos a que se liga por vezes toda a dedicação do nosso sentimento, vâmos, os que podemos, levar-lhes, em cambio, esta indefinivel joia, que se domina a caridade, astro que irradia sobre todo o mundo, e que — ainda mais fulgente que o sol — não tem mancha, nem pode se quer admitir trévas.

J. C. RODRIGUES DA COSTA.

MORRER... DORMIR

*D*A noite os astros desciam ;
As ondas mansas passavam.
Que meigo somno dormiam!
Que doces sonhos sonhavam!

Mas da morte um sópro brando
Roçou por elles, fugindo,
Depois... ficaram sonhando?...
Talvez ficassem dormindo.

Pérfidas ondas que mentem,
Eil-as, sobre elles avançam.
Deixal-os sonhar,... não sentem;
Deixal-os dormir,... descançam.

4 de janeiro de 1887.

FERNANDES COSTA.

DE todas as virtudes, que exornam a alma, nenhuma é mais formosa, mais encantadora e mais sympathica do que a Caridade;— ella é como a sciencia, não tem patria, nem familia, ou, antes, a sua patria é o mundo e a sua familia a humanidade. Quando esse Anjo, coroado de luz, se acerca de um desgraçado, não lhe pergunta quem é, nem d'onde vem. A todos acolhe no seu regaço, a todos estende as suas mãos cheias de esperanças e de flores.

10 — Janeiro — 1887.

COSTA GOODOLPHIM.

HONTEM E HOJE

HONTEM: — *Ao longo da praia,*
Corre a vaga em maré cheia,
Como um lençol de cambráia
Todo estendido na areia.

E a vaga, enquanto se espraia,
Diç echos da melopêa
D'amor, que vae na catraia
Que ao longe se balanceia...

HOJE: — *Mudaram-se as scenas;*
Nem canções apaixonadas,
Nem joviaes estribilhos...

A vaga traç-nos apenas
Prantos de mães, desoladas,
Chorando a morte dos filhos!...

ALFREDO DE MORAES PINTO.
 (Pan-Tarantula)

AO TEJO

PORTUGAL ama-te; os poetas celebram-te nas suas bellas estrophes enthu-siasticas; os artistas reproduzem nas suas telas primorosas a impressão que recebem da tua amenidade encantadora; e todavia, n'este momento, ouço alguém que te amaldiçoa!.....

Porque não és tu sempre calmo e puro? Porque transformas ás vezes o doce murmúrio das tuas aguas em gemidos agonisantes e sombrios? Em iracundas vagas encapelladas as tuas ondas limpidas, onde se reflecte o azul sereno e transparente do esplendido Céu de Portugal?

N'esta terra hospitaleira, que tu banhas e fertilizas, não ha odios, nem rancores contra os que a procuram, balouçando-se em fragil barco sobre o teu leito, confiados em que tudo aqui é generoso e bom. E as tuas aguas acabam de ser lugubre mortalha de infelizes, a quem talvez, pouco tempo antes, havias maravilhado com as louçanias da tua magestade!

Eis porque te blasphemam!

E tu não és o criminoso!.....

Praze a Deus que nunca mais sejas um tumulo, tu que para Portugal és um thesouro, e por ventura ainda a sua mais risonha e fagueira esperanza!

ZEPHYRINO BRANDÃO.









Lith. GUEDES LISBOA

**MUSEU
RAFAEL
BORDALO
PINHEIRO**

BIB

RES